OS EFEITOS DA MENOPAUSA NO PSIQUISMO DA MULHER

LOS EFECTOS DE LA MENOPAUSIA EN LA PSIQUIS DE LAS MUJERES

EFFECTS OF MENOPAUSE ON WOMEN'S PSYCHE

Bianca Stephanie Pereira[1]
Carla de Abreu Machado Derzi[2]

RESUMO: Este trabalho pretende abordar questões relacionadas aos efeitos da menopausa nas mulheres. Busca-se entender como a menopausa pode fazer com que a mulher apresente uma inibição no feminino para não se haver com a angústia de castração que o envelhecer pode convocar. Para tal, elege-se Claire Millaud, a personagem do filme *Quem pensa que sou*, para auxiliar a discussão dessa temática à luz da psicanálise de Sigmund Freud e de Jacques Lacan. Analisar o vínculo das mudanças naturais com as respostas e saídas encontradas pelas mulheres frente à angústia que pode se estabelecer diante desse momento faz-se importante na medida em que a menopausa, adquirindo uma relação estreita com a velhice, vem como uma nova forma de mal-estar na cultura. Sendo assim, o trabalho, através da metodologia com a personagem Claire Millaud, visa articular os processos ligados ao momento, o sujeito e seus sintomas, impasses e mal-estar. Através do filme, levanta-se, ainda pela personagem, porém ancoradas na teoria, três saídas: pela negação, pela sublimação e pela travessia da castração. Todas as saídas levantadas não esgotam as inúmeras outras não elencadas, afinal frente às singularidades das mulheres existem inúmeras outras saídas singulares.
PALAVRAS-CHAVE: Feminino; Inibição; Menopausa; Psicanálise; Real.

RESUMEN: Este trabajo tiene como objeto abordar cuestiones relacionadas con los efectos de la menopausia en las mujeres. Se busca comprender cómo la menopausia puede hacer que la mujer presente una inhibición en lo femenino, para no lidiar con la angustia de castración que el envejecimiento puede convocar. Para ello, Claire Millaud, el personaje de la película *Quien piensa que soy*, es elegida para ayudar en la discusión de ese tema a la luz del psicoanálisis de Sigmund Freud y Jacques Lacan. Analizar el vínculo entre los cambios naturales y las respuestas y soluciones que encuentran las mujeres ante la angustia que puede surgir en este momento es importante ya que la menopausia, adquiriendo una relación cercana con la vejez, surge como una nueva forma de malestar en la cultura. Por tanto, el trabajo, a través de la metodología con el personaje de Claire Millaud, pretende articular los procesos aunados al momento, el sujeto y sus síntomas, impasses y malestar. A lo largo de la película, hay tres salidas, todavía basadas en el personaje, pero ancladas en la teoría: por la negación, por la sublimación y por el cruce de la castración. Todas las salidas levantadas no agotan las innumerables otras que no figuran en la lista, después de todo, dadas las singularidades de las mujeres, hay otras innumerables salidas singulares.
PALABRAS CLAVE: Femenino; Inhibición; Menopausia; Psicoanálisis; Real.

ABSTRACT: This paper aims to examine issues related to the effects of women's menopause. We try to understand how menopause can cause women to present an inhibition in the female, so as not to deal with the anguish of castration that aging can induce. To this end, Claire Millaud, the character from the film *Who thinks I am*, is chosen to help the discussion of this theme in the light of the psychoanalysis of Sigmund Freud and Jacques Lacan. Analyzing the link between natural changes and the responses and solutions encountered by women in the face of the anguish that can be established in the face of this moment, is important so far as menopause, acquiring a close relationship with old age, comes off as a new form of evil-being in the culture. Therefore, the work, through the

[1] Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. pereirabi@hotmail.com
[2] Professora da Faculdade de Psicologia da PUC Minas, Mestre e Doutora pelo Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris 8, Coordenadora do curso Clínica Psicanalítica na atualidade: contribuições de Freud e Lacan – IEC-Puc Minas. carladerzi@mail.com

Classificado em 2º lugar na premiação do Melhor Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Psicologia da unidade educacional São Gabriel, do 2º semestre de 2020.

methodology with Claire Millaud, aims to articulate the processes linked to the moment, the subject and symptoms, impasses and malaise. Throughout the film, there are three ways out, still based on the character, but anchored to theory: by negation, by sublimation and by crossing castration. All the exits raised do not exhaust the countless others not listed, after all, given the singularities of women, there are countless other singular exits left.
KEYWORDS: Female; Inhibition; Menopause; Psychoanalysis; Real

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo natural e gradual presente desde o nascimento, no qual tanto os homens quanto as mulheres passam por alterações funcionais, físicas e psicológicas. Já a velhice é entendida como um momento específico dentro desse processo de envelhecer. Apesar da categorização para fins legislativos, explicativos e educativos, e as tentativas de generalizações, como, por exemplo, o Estatuto do Idoso, a terceira idade não tem idade fixa para começar. Cada sujeito entra na velhice em seu próprio tempo e lida com ela de forma singular, tendo em vista sua história de vida e levando em consideração diversos outros atravessamentos.

Saindo da questão orgânica, não é possível dizer com precisão o que é ser idoso, afinal o momento não pode ser universalizado, não havendo formas de apreender tudo que há de singular em cada envelhecimento. Mesmo não havendo uma definição universal que caracterize qual é a entrada para a terceira idade, para a mulher é facilitada a percepção desse momento. A chegada da menopausa caracteriza-se como o marco inicial, mesmo que ainda não se encontre na terceira idade. Logo, a menopausa assume para si o estigma dessa etapa concomitante à sua desvalorização.

Culturalmente, a menopausa é vista como uma fase marcante que determina mudanças até no papel social da mulher. Isso porque, apesar de ser um processo natural, é também um fato social, recentemente construído, em que os discursos que a cercam são diversos, assim como os distúrbios atribuídos a ela (DELANOË, 2001). O período é geralmente associado à tristeza, às perdas, às doenças, ao sofrimento e à velhice (MUCIDA, 2006), sendo a intensidade das alterações que a mulher vivencia diretamente ligada à forma através da qual ela se coloca no mundo e às suas condições de vida. Entrar na menopausa é lidar com essas mudanças endógenas no corpo e seus efeitos no psiquismo.

Nesse sentido, destaca-se que a questão ultrapassa o orgânico ou o medo da morte, que se apresenta mais próxima, e se estende ao psíquico. Há muito mais do que a angústia de finitude, que, também, pode se apresentar. O sujeito na terceira idade não teme a morte, afinal dela o inconsciente nada conhece, mas há uma morte mais preocupante, que é a morte do desejo (MUCIDA, 2006). Assim, trabalharemos a partir da seguinte pergunta: como a menopausa pode

fazer com que a mulher apresente uma inibição sintomática no feminino para não se haver com a angústia de castração que o envelhecer pode convocar?

Na tentativa de compreender como os efeitos da menopausa nas mulheres de meia e terceira idade podem recobrir as manifestações do feminino, esta pesquisa busca, a partir da articulação do cinema com a psicanálise, elementos para auxiliar a discussão e apropria-se do filme *Quem você pensa que sou* para investigar o tema da feminilidade. O filme vem como apoio para buscar elementos para a compreensão do discurso e da posição subjetiva de uma mulher, representada pela personagem fictícia Claire Millaud.

Pensando no cinema, temos as relações entre o visível e o invisível, assim como o dizível e o indizível, colocando em relevo uma outra relação: a do sujeito com a imagem, que põe em questão a posição do eu (RIVERA, 2008). Segundo Rivera (2008), olhar uma imagem implica o sujeito. Ao ver um filme e interpretá-lo, o sujeito delimita uma narrativa que gira em torno daquilo que se vê, da mesma forma que gira em torno de um ponto cego, de um buraco, no qual o que não se mostra também se faz presente. Podemos entender, desse modo, que o filme é construído por cada um, a partir do que cada um vê ou deixa de ver, ao eleger como importante (DERZI; MARCOS, 2018). Além de que, "o cinema tem, sem dúvida, como uma de suas vocações, a reflexão sobre si mesmo, sobre a imagem, sobre o sujeito. Sobre a vida." (RIVERA, 2008, p. 65).

Para a construção deste trabalho, portanto, fez-se imprescindível contextualizar o leitor sobre a história do filme a partir da história de Claire Millaud, para possibilitar vislumbrar as saídas possíveis da mulher frente à menopausa diante da saída da personagem fictícia, na tentativa de se alcançar, posteriormente, baseada na teoria, novas formas de entendimento e de enfrentamento desse momento.

2 QUEM VOCÊ PENSA QUE SOU

O filme escolhido conta a história de Claire Millaud, uma mulher de 50 anos, bem-sucedida em sua carreira de professora, com 2 filhos, e que procura se relacionar com homens mais novos após um divórcio em que seu ex-marido fica com uma mulher 27 anos mais jovem. Claire é dispensada por seu marido e posteriormente por Ludo, que só sustenta um desejo sexual por ela. A personagem sofre, portanto, dois abandonos, que marcam a forma na qual ela se relaciona com os outros homens, pois ela teme um novo abandono.

Marcada pela diferença de idade, explicitada pelo Outro social, Claire cria outro lugar para si no qual nega esse envelhecimento e assume virtualmente uma outra identidade: Clara Antunès. Ela vai em busca de uma outra mulher para tentar responder o enigma da feminilidade, ou ainda para saber o que é uma mulher, tanto através da identificação masculina, na medida em que ela quer saber o que o homem acha da Clara, quanto através da identificação feminina, na medida em que gostaria de ser desejada assim como a Clara foi desejada.

Ao entrar no Facebook como Clara, Claire não só inventa para si um lugar no qual ela é desejada, como passa a viver a vida de fantasia que criou, deixando, de certo modo, sua vida, seus filhos e trabalho de lado. A busca por um relacionamento virtual no qual sua imagem não estava vinculada e a busca por um parceiro que não a visse e que não a tocasse revela a predominância do imaginário que vem em uma tentativa de mascarar a castração, ou seja, mascarar a angústia de se ver envelhecendo e perdendo o seu lugar de estar inscrita no desejo do Outro. Além disso, observa-se a invasão do real pela dificuldade em lidar com a castração e o desfalecimento do simbólico pelo fato de não apresentar recursos simbólicos para lidar com as perdas nessa fase de vida.

Diante disso, pode-se pensar em uma inibição sintomática em Claire. Segundo Freud (1926/2014), a inibição é a restrição de uma função normal, ou seja, uma função que acontecia normalmente, porém, por alguma razão, ela não segue seu curso, pois, se ela se realizasse, causaria uma angústia de castração. Desse modo, frente ao desejo do Outro, melhor dizendo, frente à castração do Outro, o sujeito pode se esquivar pela via da inibição, sintoma e/ou angústia. O desejo, enquanto ponto comum, permite imbricar essas três manifestações clínicas, permitindo elucidar os efeitos da mobilidade dessas movimentações na clínica.

Há em Claire, desse modo, uma paralisação no movimento. Assim, a partir do momento em que Claire endereça essa inibição à sua analista, saindo da completa paralisação desse movimento e buscando tratamento, há um deslocamento que torna sua inibição sintomática. Freud (1926/2014, p. 107) afirma que “uma inibição pode ser também um sintoma”, ou seja, uma inibição pode se tornar sintomática. Ou ainda, como afirma Lacan (1962-1963/2004, p. 19): “estar impedido é um sintoma. Ser inibido é um sintoma posto no museu”. Sendo assim, sintoma e inibição, embora sejam distintos, estão articulados. A angústia também está ariculada com a inibição e o sintoma, pois a angústia ronda em torno de um ato inibido, ou seja, a inibição impede o desenvolvimento da angústia.

Claire se apresenta com uma inibição sintomática. Na demanda dela, há uma restrição da função do eu, produzindo uma parada no movimento, apontando uma impotência. Entretanto, não se encontra totalmente no museu, fora de circulação, já que a paciente traz seu sofrimento, fazendo um apelo ao analista. Daí, chamá-la de inibição sintomática mostra que a angústia é o sinal de desejo utilizado contra o desejo. A inibição é uma defesa, assim a paciente encontra-se impedida, mas isso não se reduz exclusivamente a uma inibição, já que sua dimensão sintomática se presentifica pelo fato de que ela quer e não pode. Isso a incomoda, havendo aqui já um certo trabalho psíquico. Caso fosse apenas uma inibição pulsional em seu alvo, haveria falta de representante pulsional que impediria ao sujeito se fazer representar no campo do Outro. Por isso que a falta de representante se manifesta como imobilidade no corpo. Claire relata um impedimento, entretanto ela entra no campo do Outro, mesmo sendo de forma precária. A entrada da paciente no campo do Outro é ratificada e corroborada pelo lugar sustentado pelo psicanalista na posição de sujeito suposto saber, instituindo o laço transferencial.

Cabe ainda apontar o trabalho de luto que não foi finalizado, o luto pelo marido, pela juventude, pelo corpo, pelo ideal e pela perda do desejo dos homens. Freud (1917/2010b) define o luto como a reação frente à perda de um ideal, de uma pessoa amada ou uma abstração que ocupava seu lugar, na qual a pessoa se dedica ao luto e nada mais desperta seu interesse. O mundo se torna pobre e vazio. Esse processo é lento e gradual, sendo que absorve todas as energias do Eu enquanto não finalizado (FREUD, 1917/2010b). Por isso, o trabalho de luto é um dispêndio de energia, que faz-se necessário para que o ego fique livre ao final.

Após a aproximação pelo Facebook de Claire e Alex, um colega de quarto de Ludo, e do relacionamento virtual dos dois se desenvolver e intensificar por meses, ela aceita que um encontro seja marcado. Em meio a tantas pessoas, Alex procura pela garota da foto do Facebook, e, mesmo em frente à Claire, ele não a nota. A angústia aparece diante do desejo do Outro, do enigma do desejo do Outro. Lacan (1962-1963/2004) indica a relação essencial da angústia ao desejo do Outro. A paciente não sabe mais qual é o lugar (objeto *a*) que ela ocupa no desejo do Outro (ex-marido, Alex). A angústia é a bússola da castração e por isso é também a bússola do desejo.

Quando Alex procura por Clara, Claire percebe que não desperta o olhar dele, pois ele procura uma outra mulher. Está marcada aí novamente a relação de Claire com a outra mulher, que poderia responder o enigma da feminilidade, ou seja, aquela que encarna a imagem inacessível de uma mulher (ANDRÉ, 1998). A inibição sintomática de Claire foi uma resposta frente à angústia da castração do Outro, uma estabilização possível.

Após esse desencontro, Alex se afasta de Claire e some. Em uma conversa com Ludo, Claire descobre o motivo do sumiço de Alex: “Ele sofreu um acidente de carro. O carro dele caiu de um penhasco. Ele se matou por uma psicopata que conheceu no Facebook e nem a viu pessoalmente” (NEBBOU, 2019). Para lidar com a morte dele, ela escreve um livro em que constrói essa relação, imaginando como seria se caso ela e Alex tivessem se encontrado e caso ele tivesse se apaixonado por ela. Nessa versão criada por ela, Claire não se esconde, pelo contrário, ela quer existir aos olhos dele, sem medo da rejeição ou do abandono.

No livro escrito por ela, eles se envolvem rapidamente após uma sessão de fotos na qual Alex é o fotógrafo e vivem o romance intensamente. Em um momento íntimo entre os dois, Alex diz amá-la e afirma amar ainda mais sua voz, o que a afeta profundamente, afinal a voz da Claire era a voz da Clara, já que eles conversavam muito por ligação antes de se encontrarem pessoalmente. Ela se pergunta acerca do lugar que ocupava no desejo de Alex, e acredita que era claro que Alex ainda pensava em Clara. Depois que ele pontua amar sua voz, Claire se inquieta e começa a procurar pelo telefone dele provas de que seria mais uma vez abandonada, trocada por uma outra mulher. Para testá-lo e saber o que ele realmente sentia por Clara, Claire manda mensagem pedindo para que eles se encontrem, dando novamente a esperança de que Alex pudesse a ver.

O que Alex percebe ao ligar para Clara, porém, é que o telefone de Claire toca. Ela havia mentido sobretudo para ele. Furioso com todas as mentiras que descobriu, ele volta até ao café em que os dois estavam anteriormente para tirar satisfações com Claire. Em uma tentativa de se esquivar da confrontação de Alex, ela se afasta indo para o meio da rua, onde um carro a atropela e ela morre ali mesmo.

Após terminar de ler o livro, a terapeuta indaga Claire sobre o final de seu livro e um possível final feliz para a estória que havia criado: “Mesmo em um mundo imaginário, você nega a felicidade a si mesma. Como se quisesse se machucar. De novo, de novo e de novo. Quem te machucou, Claire? Quem te fez sofrer?” (NEBBOU, 2019). A partir disso, Claire revela a quem pertencia o rosto escolhido e sua motivação para escolhê-lo: sua sobrinha, 27 anos mais jovem, que estava atualmente com seu marido. Claire revela com isso o quão difícil foi se ver perdendo seu lugar no desejo desses homens que passaram por sua vida após e por conta do divórcio. Em um último encontro com a terapeuta, porém, Claire afirma que começou a trabalhar novamente em seu livro e que tudo a ajudou a perceber que não há apenas um final possível. Pode-se pensar, desse modo, se a escrita do livro não seria uma das saídas que a permite elaborar a cena traumática do envelhecer e a morte da inscrição no lugar do desejo do Outro.

3 A MENOPAUSA E A SEXUALIDADE FEMININA

As representações contemporâneas da menopausa, além de negativas, provocam uma não identificação por parte das idosas, que muitas vezes enxergam a velhice no outro, mas não em si. Isso porque o envelhecimento parte do olhar do Outro, da imagem corporal que o Outro tece e lhe devolve (MUCIDA, 2006). A desvalorização cultural da terceira idade, portanto, é um fator de grande importância para definir como será a atitude da mulher frente ao processo da menopausa e o quão sintomatológico será o decurso dela.

O momento da menopausa, associado ao período da terceira idade, é investido de qualidades culturais, principalmente no que diz respeito a perdas simbólicas. Para a mulher pode ser difícil suportar as mudanças corporais e a perda de potência, tanto na capacidade de engravidar quanto de despertar o desejo, transformações contrárias à valorização oferecida pela cultura, cujo corpo jovem é o foco principal.

Não é possível evitar a angústia frente à finitude e também a ameaça da perda de amor que pode derivar dessa dificuldade de se enxergar em um lugar de desejo. Quanto à angústia de perda de amor na mulher, Freud (1926/2014) diz que a ameaça de perda do amor do objeto é o que mais se assemelha à angústia de castração no homem. Para Claire ser abandonada era tão mais doloroso do que a ideia da morte, que ela inventa toda uma trama para lidar com isso. A fantasia surge para dar conta desse insuportável e de um mau encontro com o real.

Em 1914, Freud (1914/2010a), no texto *Introdução ao narcisismo*, já levantava a importância do amor para a mulher, mais precisamente a importância de ser amada. Para a mulher é importante ser objeto de amor de um homem porque pela via do amor ela poderia ascender à feminilidade (FREUD, 1931/2019). Desse modo, diante do medo da perda do amor, perda do olhar do outro e perda do lugar de desejo, a mulher pode se angustiar, porque ao perder o amor ela pode perder a si mesma.

Logo, quando a imagem corporal muda e a angústia de perda de amor se instaura, o olhar do parceiro e seu desejo por ela podem acalmar essa visão negativa que se estabelece. Acontece, porém, que o funcionamento do desejo é de sempre desejar outra coisa (MELMAN, 1994), o que faz com que o desejo do homem não se encontre fixo em um só objeto, e a angústia feminina pode se fortalecer à medida em que o olhar do parceiro dela se desvia. Sendo assim, as interpretações na ordem da fantasia que a mulher faz acerca da falta de desejo do parceiro,

às vezes natural do envelhecimento, ou o desejo dele por outra mulher, são suficientes para provar que ela "perdeu seus encantos" ou que há uma falha em sua feminilidade.

Segundo Mucida (2006, p. 82), "o temor à perda de amor torna-se real dada a fragilidade corporal que não responde, como antes, aos imperativos de agilidade, força e beleza". Dessa forma, quando a cultura dita o que é beleza e quando não se encaixa no que é visto no espelho, a mulher não só pode renunciar à atividade sexual, como a diversos prazeres para se encaixar no lugar em que é colocada. Se a menopausa adquire o caráter de entrada na terceira idade, com todas as suas características negativas que, de certo modo, se impõe às mulheres, faz-se necessário a renúncia do sexo por parte das mulheres que não são mais jovens, pois o sexo estaria privatizado às jovens. Assim, a mulher pode renunciar à sua vida sexual, se inibindo como uma forma de se proteger do olhar do Outro, que a denuncia como idosa. Além de que, no ato sexual, a mulher pode se deparar com suas limitações diante dessas mudanças, tanto fisiológicas quanto psíquicas.

Por outro lado, algumas mulheres podem servir-se da ideia do envelhecimento e da menopausa como justificativa para acolher algumas de suas vontades, antes não atendidas, utilizando da menopausa como desculpa para interromper a vida sexual (SANTOS *et al*., 2010). Desse modo, ela livra-se também da obrigação cultural de uma relação em um laço conjugal frustrado ou de uma relação sexual que nunca foi apreciada. Para além disso, a mulher, ao envelhecer e ancorada nos costumes, pode sentir-se envergonhada ou culpada em desejar manifestar sua sexualidade, pois ela lidará com ideias de repressão sexual introjetadas ao longo de sua vida, sendo que, socialmente, a atividade sexual na terceira idade pode incidir como algo errado ou como piada.

Por consequência da perda da capacidade de reprodução, a menopausa também pode ser associada à perda de feminilidade. Afinal, por anos, o corpo da mulher foi domesticado para seguir determinadas funções: a função reprodutora e de educação dos filhos (GRISCI, 1995). A exaltação da maternidade e sua naturalização serviram para que houvesse uma disciplinarização das mulheres e uma subjetivação da ideia de se tornar mulher a partir da maternidade. "Ser mulher está biológica e socialmente tão relacionado ao ser-mãe, que se caracteriza quase uma heresia pensar a mulher-mãe como binômio de uma construção" (GRISCI, 1995, p. 14).

No campo da psicanálise, Freud não escapa do ideal feminino predominante em sua época e tenta responder à questão "o que quer uma mulher?" a partir da maternidade. "Durante séculos, essa questão encontrou uma resposta do lado da maternidade: ser mulher é ser mãe. Ou então foi enquadrada em um estatuto legal: ser mulher é ser esposa." (BROUSSE, 2012, p. 2).

Para ele, para que a mulher atingisse a feminilidade, ao final do desenvolvimento, era necessário que ela tomasse o pai como objeto de amor após abandonar a mãe, ao perceber que a mãe é castrada. Desse modo, "[...] a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo do filho [...]" (FREUD, 1931/2019, p. 333). Portanto, que o complexo de castração dê espaço para o complexo de édipo. Ou seja, para ele, a mulher seria equivalente à mãe. Ocorre, porém, que a mulher se difere da mãe, logo ele não responde à questão, o que acaba trazendo um equívoco, já que traz uma identificação do feminino com a maternidade.

Sendo assim, historicamente, vê-se a feminilidade sendo associada à maternidade. Ainda hoje é possível notar uma pressão cultural para que a mulher se case e consequentemente engravide, mantendo a noção de ser mulher partindo dessas experiências. A menopausa, portanto, pode mostrar-se socialmente como perda da feminilidade, pois ela interrompe com a função reprodutora e marca um ponto no qual a mulher não consegue mais se encaixar nos ideais propostos.

A maternidade continua a ser investida como uma das possibilidades para o exercício da feminilidade, mas existem outras possibilidades de exercício desse atributo da mulher. Para as mulheres, a maternidade não mais se apresenta como o equivalente da feminilidade, pois há uma disjunção entre a mulher e a maternidade, uma vez que o filho pode não drenar tudo que há de pulsional em uma mulher, ou seja, o filho a satisfaz como mãe, não como mulher (LACAN, 1960/1998).

4 A MENOPAUSA NO DISCURSO

Ainda que natural, a menopausa não está isenta das construções sociais e de uma cadeia de significantes que atingem as mulheres de formas singulares. Essas construções sociais apontam como a menopausa é vista e tratada na sociedade e, por conseguinte, como as mulheres nesse momento são vistas, construindo maneiras nas quais o momento é vivido. As mudanças presentes no processo de envelhecimento e na menopausa também vão influenciar a forma na qual a mulher se enxerga e podem suscitar inúmeros sofrimentos.

Para André (1998), é por meio da beleza e da imagem corporal que a mulher tenta compensar sua falta de significante, fazendo de seu corpo um representante fálico, em uma tentativa de reassegurar sua feminilidade. "Assim, à falta de ter o falo, a mulher cuida particularmente de sua imagem corporal de tal sorte que esta chega a adquirir o valor de falo: à falta de ter o

signo identificatório do pênis, ela tem um corpo feminino." (ANDRÉ, 1998, p. 115). O corpo, então, passa a ter uma maior importância para a mulher.

Como consequência do discurso popular, porém, é o corpo jovem e a busca por ele que passam a ser romantizados, tornando-se o padrão de beleza, e procurado por meio de cirurgias, botox, tratamento hormonal, produtos para rejuvenescer, entre outras tantas tentativas de postergar o envelhecimento. Espera-se, então, que mulheres mais velhas não se pareçam de fato mais velhas, pois a "[...] velhice surge fazendo furo ao ideal de perfeição trazido pela juventude. Nessa direção, a velhice torna-se uma das faces do mal-estar da cultura, que se apresenta [...] fazendo furo ao encontro prometido com o objeto." (MUCIDA, 2006, p. 112). O corpo marcado pelo tempo precisaria, dessa maneira, ser escondido para que, escondendo o corpo, seja possível, também, esconder tudo aquilo que faz ressoar a castração, lembrando-nos do real.

Os efeitos desse discurso nas mulheres podem ser devastadores na medida em que não é possível entrar nesses padrões, ou seja, não é possível apagar o real do corpo que se modifica (MUCIDA, 2006). O corpo que se dispõe não se encaixa mais na ilusão do imperativo de gozo contemporâneo da juventude. O ideal feminino não consegue dar conta de todos os furos que o momento da menopausa expõe. Desse modo, no confronto entre o ideal do eu, ou seja, a imagem idealizada do eu que encarna as exigências a serem alcançadas, e a realidade corporal, a incompletude se faz presente, trazendo a consciência da própria deterioração (MUCIDA, 2006).

Diante disso, pode haver a negação do envelhecer. Há uma perda no corpo que, em uma fantasia, pode ser reconquistado, seja com cirurgias, medicação ou pela via da negação, mas que de fato é impossível. É, então, dessa forma que a menopausa pode marcar um limite ao desejo, marcar inevitavelmente o perigo da castração e a sua dimensão real, ao qual, não atravessando, acaba-se soterrando o desejo. A mulher não pode mais contar com o semblante, afinal seu corpo confessa a realidade que um véu não pode esconder. Tal é o caso de Claire, que tenta fazer um véu com o corpo de outra mulher, mas a realidade de um encontro, por exemplo, não é suportada por esse véu.

Em decorrência das mudanças vivenciadas pelas mulheres e das dificuldades no envelhecimento, elas respondem aos imperativos de juventude e podem surgir diversos sintomas que não se encontram somente no âmbito orgânico. Segundo Furtado (2001), há um uso intenso de medicação nessa fase em uma tentativa de evitar as doenças advindas do momento, mas também há um equívoco quanto ao diagnóstico de algumas doenças, como, por exemplo, a depressão, pois todo desconforto psíquico é apreendido como patológico e torna-se passível de medicalização.

Mesmo com o sofrimento que pode advir do momento, a menopausa é mais endereçada ao discurso médico. Busca-se no discurso médico uma forma de dar sentido ao desconforto psíquico e ao momento em que se encontra. No discurso médico, porém, a menopausa não só ganha um significado como muitas vezes o significante de doença, passando a existir no espaço simbólico com a força do discurso (MUCIDA, 2006). Nessa imagem de menopausa "patológica" que o discurso cria, como situar a vivência particular de cada mulher neste momento?

Ao determinar o que é a menopausa, se determina, também, como ela deve ser vivenciada ou se deve ser negada. Assim como, ao determinar que as modificações corporais, que inevitavelmente ocorrem, são uma patologia, se determina, também, como deve ser a relação da mulher com seu corpo. Desse modo, a menopausa passa a ser uma experiência a ser evitada. É desconsiderada a subjetividade presente nesse momento da vida e há uma ênfase no aspecto orgânico. Na tentativa de dar conta do mal-estar físico e psicológico presente nesse momento e de responder às demandas que surgem, muitos médicos, ao transformar as queixas femininas em doenças, silenciam essas manifestações com remédios, hormônios ou antidepressivos. Com isso, parte-se do pressuposto que todas as mulheres vão passar pela menopausa e pelo envelhecimento da mesma forma, logo precisam do mesmo tratamento, excluindo as diferenças.

Todavia, há efeitos que ultrapassam o orgânico, necessitando também de um enfoque subjetivo no tratamento dessas mulheres. Entender esse momento da vida somente como sinônimo de perdas ou apenas como um momento natural, desvencilhado dos atravessamentos culturais, é um equívoco. Se a menopausa pode significar para algumas mulheres uma perda fálica, perda das insígnias da sedução ou da possibilidade da maternidade, para outras pode ser um momento de alívio ao poderem viver a atividade sexual sem a chance de serem mães (MUCIDA, 2006).

5 SAÍDAS DA MULHER FRENTE AO REAL DA MENOPAUSA

Na resolução de seu complexo, a mulher não tem com o que contar para definição de sua posição feminina. Não há como se apoiar em uma identificação especificamente feminina ou no suporte imaginário no corpo (ANDRÉ, 1998). Por não haver um significante no Outro que agrupe as mulheres, ou seja, não há sexo feminino enunciável como tal, a feminilidade não pode ser concebida como um ser encontrado desde o início, mas como um tornar-se (ANDRÉ, 1998). O trabalho de construção de uma feminilidade, portanto, passa pelo singular, no qual cada mulher constrói para si um caminho em direção ao feminino.

Por não encontrar essa identificação feminina, a construção dessa imagem e dessa feminilidade teria seu ponto de partida no Outro, pois é ele que pode validá-la ou anulá-la quando se busca a aprovação (ANDRÉ, 1998). Sendo assim, o feminino vai se manter em observar as respostas e os efeitos que ele causa no Outro (LAZNIK, 2012). Quando Claire marca um encontro com Alex e ele não a olha, a resposta dele pode ter contribuído para que ela entendesse que havia uma falha em sua imagem feminina, colaborando para aumentar a dificuldade que sentia em se apresentar para ele, e fazendo com que ela se afastasse após o desencontro.

Segundo André (1998), a falta na identificação especificamente feminina faz com que a mulher acredite que ela só possa se ver como objeto entregue à perversão masculina, aprisionada à fantasia masculina. O que podemos perceber logo no início do filme, Claire se vê reduzida a esse objeto quando Ludo demonstra só manter por ela um desejo sexual. Além disso, faz ainda com que a mulher não consiga revestir e erotizar completamente o real do corpo com a imagem corporal, sendo que, quando no corpo há a queda do erótico para o orgânico, que faz surgir para o sujeito um real dessexualizado, pode haver um valor traumático (ANDRÉ, 1998). Diante do encontro abrupto com o real, pode-se talvez entender a inibição frente às dificuldades da menopausa, frente à angústia que pode se instaurar.

Sobre as saídas da mulher frente ao (des)encontro com o real da menopausa, observa-se que a personagem do filme construiu uma inibição sintomática para não atravessar a castração do envelhecimento. Entretanto, essa é a saída de Claire. Diante disso, teriam outras saídas ao feminino frente ao real da menopausa?

Recolhe-se do filme, a partir do desdobramento da estória da personagem, três possíveis saídas. Trabalha-se, a partir da teoria, apenas essas saídas da mulher, sem a pretensão de esgotar o assunto. Isso porque, frente às singularidades das mulheres, podem existir inúmeras outras saídas não elencadas, que são tão singulares quanto.

A primeira é pela negação, na qual a mulher busca meios para adiar este processo ou não entrar em contato com a experiência do envelhecer, permanecendo em um impasse. Acerca da negação, Freud (1925/2011) diz que ela abre caminho para uma ideia chegar até a consciência como forma de tomar conhecimento do conteúdo recalcado, ou seja, a negação levanta a repressão, sem que haja uma aceitação do que foi reprimido, resultando em uma espécie de aceitação. Dessa forma, há uma separação da função intelectual do processo afetivo.

Sendo assim, a negação pode acontecer, por exemplo, pela via da medicalização, das cirurgias ou do tratamento hormonal. Porém, cabe esclarecer que nem todas que recorrem aos meios citados o fazem porque apresentam a negação como uma saída. Pode-se, ainda, evitar

entrar em contato, fingir a inexistência do processo de envelhecimento. No caso de Claire, ela tenta viver uma identificação com a outra mulher, mulher que vivia com seu ex-marido, sua sobrinha Clara. Como se precisasse ser uma outra mulher mais jovem e não ser ela mesma, com seu corpo menopausado, para poder ser amada.

Além da negação, a mulher pode encontrar a saída pela via da sublimação, afinal de contas já não existe mais a beleza padrão, ou a capacidade de reprodução, muito menos existe a capacidade de produção de bens que é simbolizada por uma aposentadoria, por exemplo, então faz-se necessário a elaboração. Entende-se como sublimação o "[...] processo atinente à libido objetal e consiste em que o instinto se lança a outra meta, distante da satisfação sexual; a ênfase recai no afastamento ante o que é sexual" (FREUD, 1914/2010a, p. 28), ou seja, o objeto sexual é trocado por outro socialmente aceito e valorizado.

A troca de objetos – sexual por outro não sexual – presente na sublimação apresenta-se como uma saída possível frente à angústia de uma impossibilidade da relação sexual. Sendo assim, a emancipação da mulher frente à competição sexual e ao medo de ser rejeitada pode abrir espaço para o aparecimento de talentos e abrir espaço para que a menopausa seja uma fase de desenvolvimento, capaz de garantir a ela um sentido de vida (LAZNIK, 2012). Claire parece iniciar um caminho em direção à via da sublimação com seu livro, porém não levando adiante.

Uma última saída refere-se à travessia da castração, se posicionando com o feminino e não o eliminando. Se a menopausa não cessa os desejos da mulher, muito menos o desejo de amor, faz-se necessário, portanto, fazer valer a falta fundamental, para permitir o acesso ao desejo, mantendo-o vivo, além de abrir possibilidades para amar. Isto porque tanto o desejo quanto o amor só existem na castração (DERZI; MARCOS, 2018).

Para isso, é necessário por parte da mulher a ressignificação dos significantes sociais da menopausa, como a depressão, a velhice, entre outros, uma vez que estes significantes culturais só podem ser considerados a partir de uma cadeia particular, do modo no qual cada um irá conduzir e apreender as expressões do real (MUCIDA, 2006). Além de exigir da mulher a elaboração da perda de feminilidade, muitas vezes impostas pelo Outro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que a menopausa, representando o marco inicial da terceira idade para a mulher, pode influenciar na vivência do momento. Isso porque, culturalmente, o corpo jovem é o ideal a ser seguido. Com isso, podem surgir efeitos na mulher que podem ser devastadores,

podendo, assim, suscitar inúmeros sofrimentos. Há uma tentativa de dar conta de todas as menopausas e envelhecimentos, ou seja, há uma tentativa de agrupamento das pessoas que não inclui a singularidade do sujeito, o que leva muitas vezes ao seu apagamento.

Além disso, por meio do discurso médico, o significante de doença pode ganhar força e impor à mulher ainda que vivencie a menopausa como patológico. A mulher, para dar conta de atravessar a menopausa, um momento até então desconhecido, pode demandar ao discurso médico respostas e fazer uma série de sintomas diante desse desencontro com as respostas da medicina.

Destaca-se, através do caso de Claire, que a entrada na menopausa não aponta para um medo da perda da capacidade reprodutiva ou do medo da morte, mas para um medo de deixar de ser amada ou de ser abandonada. Freud (1914/2010a) já havia apontado a importância do amor para a mulher, mais precisamente a importância de ser amada. A inibição sintomática construída para não atravessar a castração que a menopausa convoca é corroborada com a perda de amor vivenciada por Claire, já que o amor, tal como foi exposto, é relevante para a constituição do seu ser mulher.

Além disso, ressalta-se ainda que o Outro social aponta para um padrão de corpo que não condiz com a realidade corporal das mulheres idosas, trazendo sofrimento à medida em que elas não conseguem se enxergar em um lugar de desejo. Por conseguinte, há um apagamento da singularidade da mulher e de sua sexualidade na nossa cultura, assim como a eliminação da atividade sexual, em função do preconceito em torno da sexualidade na terceira idade, e pela ideia de que o sexo seria exclusivo das mulheres mais jovens.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BROUSSE, Marie-Hélène. O que é uma mulher? Entrevista com Marie-Hélène Brousse. **Latusa Digital**. Rio de Janeiro, Ano 9, n. 49, p. 01-39, 2012. Disponível em: http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_49_a1.pdf. Acesso em: 27 ago. 2020.

DELANOË, Daniel. La ménopause comme phénomène culturel. **Champ Psychosomatique**, v. 24, n. 4, p. 57-67, dez. 2001. Disponível em: https://www.cairn.info/revue-champ-psychosomatique-2001-4-page-57.htm. Acesso em: 10 out. 2020.

DERZI, Carla de Abreu Machado; MARCOS, Cristina Moreira. A impossibilidade do amor no filme "Uma relação pornográfica". **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 1, p. 258-

276, jun. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382018000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 jul. 2020.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo (1914).** *In:* FREUD, Sigmund. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a, v. 12, p. 09-37.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia (1917).** *In:* FREUD, Sigmund. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b, v. 12, p. 127-144.

FREUD, Sigmund. **A negação (1925).** *In:* FREUD, Sigmund. Obras completas. São Paulo: Companhia das letras, 2011, v. 16, p. 49-255.

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia (1926).** *In:* FREUD, Sigmund. Obras completas. São Paulo: Companhia das letras, 2014, v. 17, p. 9-98.

FREUD, Sigmund. **Sexualidade feminina (1931)**. *In:* FREUD, Sigmund. Amor, Sexualidade, Feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 285-311.

FURTADO, Ana Maria. Um corpo que pede sentido: um estudo psicanalítico sobre mulheres na menopausa. **Revista latino-americana de psicopatologia fundamental**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 27-37, set., 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142001000300027&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 ago. 2019.

GRISCI, Carmem Lígia Iochins. Mulher-mãe. **Revista psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 12-17, 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931995000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 out. 2019.

LACAN, Jacques. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina (1960). *In:* LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 734-745.

FREUD, Sigmund. **O Seminário, livro 10: A angústia (1962-1963)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LAZNIK, Marie-Christine. O complexo de Jocasta. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 37, p. 79-92, jul. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 ago. 2019.

MELMAN, Charles. Como ser feliz no amor, em uma lição. *In:* CALLIGARIS, Contardo; *et. al*. **O laço conjugal.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994, p. 79-90.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece – Psicanálise e velhice.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

QUEM você pensa que sou. Direção: Safy Nebbou. Produção: Michel Saint-Jean. Bélgica/França: California Filmes, 2019. 1 DVD (101 min), son., color.

RIVERA, Tania. **Cinema, Imagem e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SANTOS, Raphael Alves Ribeiro dos; *et al*., Sexualidade na Terceira Idade: Pense um pouco no próprio preconceito. **Revista Olhar Científico**, Faculdades Associadas de Ariquemes. v. 1,

n. 2, ago. 2010. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/287151420/sexualidade-na-terceira-idade-pense-um-pouco-no-proprio-preconceito. Acesso em: 20 jun. 2020.